

MUDANÇAS VIRÃO! VIVA AS MUDANÇAS!

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

***“Não é possível direcionar as mudanças, mas,
apenas antecipar-se a elas”***
Peter Drucker

Há 30 anos atrás, as variedades de cana cultivadas no Brasil eram as produzidas em Campos – RJ (CB) e em São Paulo (IAC) além das variedades da Índia, e dos EUA. A idade delas era elevada, com susceptibilidade a doenças, com PUI (período de utilização industrial) curto e, na média, baixa produtividade agroindustrial; a mecanização da lavoura era um absurdo, ou seja, o foco era todo para uso de mão-de-obra; a safra era curta e tudo, absolutamente tudo, era definido pelo governo (Instituto do Açúcar e do Alcool) para as ações privadas; as usinas somente eram construídas se o IAA quisesse; as exportações eram feitas pelo governo e o nível de produção de cana entre o Norte-Nordeste e o Centro-Sul era muito parecido. Quem quisesse ver tecnologia visitava a Austrália ou a África do Sul ou mesmo a Flórida ou Havaí, nos EUA. A cana era paga pelo seu peso e o seu preço era definido pelo governo. O maior êxito de cana foi uma argentina – NA 56-79!

Hoje, tudo mudou. Pelo menos o Brasil se tornou o mais competitivo país na produção de açúcar e de etanol, graças às mudanças ocorridas nos últimos 30 anos! Graças ao Planalsucar, ao CTC, ao IAC, em primeiro lugar; graças ao etanol (PROÁLCOOL) e à flexibilidade do mudado modelo de produção brasileiro de açúcar e álcool em segundo lugar; graças à mudança no modelo de pagamento da cana-de-açúcar e à desregulamentação quase total do setor em terceiro lugar; graças às inovações tecnológicas do setor automobilístico que soube mudar e do setor de bens de capital (insumos / equipamentos); graças à modernização na gestão da produção e comercialização; enfim, graças à evolução do negócio, com os seus momentos de baixa, onde se pode realmente provar a capacidade de sobrevivência das empresas.

Há 30 anos atrás bagaço era sinônimo de problema, de não opção – sobrava e se queimava em grotões. Hoje, bagaço, é dinheiro vivo, é seqüestrador de CO₂, é investimento certo e é um tremendo diferencial setorial.

Representa 12,5% da geração termoelétrica do país! As folhas da cana e o ponteiro eram o carvãozinho que somente sujavam as roupas no varal; hoje, assim como o bagaço, são outro diferencial do setor, sendo importante passaporte para solução de potenciais apagões ou agora sendo parte do processo industrial de biorefinarias, agregando valor ao negócio cana-de-açúcar.

Há 30 anos, 100% do negócio cana era nacional! Do parafuso ao destilador.....; hoje, cerca de 10% é investimento estrangeiro, que injeta luz ao negócio que vai se tornando global.

A matriz energética de demanda, mundial, mostra algo próximo de 14% como energia renovável, contra os 45% do Brasil – desse total, mais de 12 pontos percentuais são derivados da cana-de-açúcar.

O fenômeno da globalização (finanças/comunicação/tecnologia) afeta a todos e acelera o processo de mudanças de uma forma asfixiante. Quando se olha para energia, o rei do século XX – petróleo – gerou uma acomodação quase suicida ao nível global, com mínimas mudanças relevantes. E isso é muito intrigante!. Mais que intrigante, é um atestado de dominância demoníaca, mesmo com implicações em radicalização religiosa e terrorismo, globalizando uma nova guerra fria, entre Ocidente e Oriente.

Mas o fato é que se vive uma longa transição arrastada pelos temores da volátil economia global com sustos como o recente do mercado imobiliário americano; a questão das taxas de câmbio; do petróleo; hoje assustando a todos a crise energética e o aquecimento global, para os quais, até o momento, as medidas são pírias, ou, na melhor das hipóteses, um hipócrita posicionamento dos países desenvolvidos. Talvez a hipocrisia dos ricos seja a mais cruel tradução da fragilidade dos seus governos, dominados por lobbies de agricultores não produtivos, usados na defesa dos defensores astutos do petróleo, gás natural e carvão mineral, o poderoso lobby da energia nuclear e as inocentes ONG's que vêem a agroenergia como o Satanás da fome e do desenvolvimento. Aliás, aos que passeiam pelo interior da Europa, vale lembrar como tudo foi desmatado.....

Mas com tudo isso, as mudanças virão..... se de trem, ou de avião, virão!
E preparar-se para elas é obrigação de quem gere negócios.

À imagem das várias ondas de pequenas mudanças, no século XX, começa a assustar aos mais avisados a dimensão dos “tsunamis” que são esperados na 1ª metade do século XXI: serão ondas devastadoras de novas tecnologias agrícolas e industriais; de valorização da escala de produção como forma de manter-se no jogo da energia renovável; de esforços para a elevação da qualidade dos recursos humanos; de enfrentamento de certificações complexas como novas barreiras à competição do século XXI, e por aí vão.....

As grandes multinacionais desembarcarão na produção nos próximos anos, apressadas pela sensação do momento anterior perdido; as grandes empresas de petróleo atormentadas pela incapacidade de aumentar suas reservas terão foco na agroenergia e virão ao mercado brasileiro. Quem viver, verá!

Mudanças regulatórias serão muito importantes e virão! Seja no campo tributário, ou mesmo nas obrigações de produção do álcool anidro que compõe a gasolina, a força dos que distribuem deve ser equilibrada ao esforço dos que produzem! O mercado futuro, com o contrato de álcool da BM&F precisa de liquidez, para viabilizar estoques e hedge aos investimentos. A cana, de três partes (caldo, fibra e pontas/palhas), deverá ser usada integralmente, em vários mercados de energia, alimento, fibras e químicos.

A corrida à energia vem nos moldes da corrida ao ouro, em novo e reciclado ciclo econômico. E, pasmem, o Brasil é candidato ao pulo do gato! Isso se todos realmente acreditarem e agirem, antecipando-se às mudanças, como ensinou o mestre Drucker.

O Brasil, assim como os EUA, vê taxas anuais de crescimento do seu canavial que vieram de uma fase em que a oferta de etanol corria atrás da demanda, criando uma certa ilusão de um moto contínuo de prosperidade setorial; de repente, os preços caem e mesmo com um balanço apertado de oferta e demanda de álcool, os preços não reagem: “é que o etanol não é commodity..... se fosse, não seria assim”..... Na verdade, o mercado interno brasileiro é o seguro contra barreiras externas! Há que trabalhar o consumo de etanol em termoelétricas e a sua diversificação em produtos químicos. Aí, sim, teremos constante prosperidade.

Essas conclusões de ciclos de baixas são como a dor do parto ou à se expelir uma pedra alojada nos rins: após o insuportável, tem-se um

momento de calma. Mas não se esquece dessa dor, nunca mais! O mesmo ocorre no oposto, ou seja, momentos de intenso prazer são inesquecíveis.

Memórias são muito importantes sobre vários aspectos, mas não seguram as mudanças.

O tempo, inexorável e ilusório, vive de mudanças. Vamos nos preparar para elas!